

Escolha da paixão: uma análise do romance entre Camille Claudel e August Rodin à luz da psicanálise

Maria Alice Barbosa Lapastini
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Com muita frequência temos visto as contribuições da psicanálise sendo utilizadas na compreensão de fenômenos psicológicos além da prática clínica. Neste livro a autora apresenta-nos uma análise do romance entre Camille Claudel e August Rodin a partir do referencial psicanalítico, priorizando as idéias de Freud, Winnicott, Joyce McDougall e Piera Aulagnier.

Inicialmente faz um breve histórico da vida pessoal e familiar de cada um deles, como se conheceram e as peculiaridades da relação estabelecida por eles. Estas informações são importantes, pois ao longo do texto são articuladas com os vários questionamentos levantados acerca da paixão, do desenvolvimento psíquico e da construção do ser. Além disso, a autora com frequência faz análise das obras de arte dos artistas, permitindo um recurso a mais na compreensão da trama passional.

Por que nos apaixonamos? Porque a paixão de Camille e Rodin tornou-se patológica? Essas e muitas outras perguntas são lançadas e respondidas pela autora ao longo do livro, com um aprofundamento teórico dos principais conceitos envolvidos na compreensão do funcionamento e dinâmica psíquica dos escultores. Percorrendo importantes textos freudianos, não só explícita, de modo claro e conciso, conceitos como narcisismo, identificação, luto e melancolia, como também aponta para as modificações teóricas elaboradas por Freud nestes trabalhos.

Além de Freud, perpassa por autores psicanalíticos da envergadura de Piera Aulagnier e Joyce McDougall e, sempre numa linguagem esclarecedora, trata da problemática da paixão, profundamente, articulando-a com conceitos como processo identificatório e constituição egóica.

O ponto central do livro é a discussão da paixão a partir da falta constitutiva e dos movimentos identificatórios e a correspondente complexidade da relação entre o Eu e os objetos, e entre o Eu e seus ideais. A autora elabora uma compreensão da escolha da paixão como uma forma peculiar de reorganização do Eu; reorganização que visa, em última instância, uma tentativa de manter-se vivo.

Ancorada na visão de McDougall, apresenta, ainda, as implicações da paixão com a perversão, ou seja, trata do caráter perverso da paixão. Traz questionamentos como: “A escolha da paixão estaria mesmo a serviço da criação, já que possui o caráter inventivo e inovador das perversões?” Nas respostas às suas perguntas, a autora mantém-se muito cuidadosa em estabelecer a diferenciação entre criações perversas e artísticas.

Ampliando ainda mais a compreensão sobre a escolha da paixão, traz algumas contri-

buições de Piera Aulagnier, destacando o posicionamento desta no que se refere ao interjogo estabelecido entre a relação passional e a criação, ou entre a relação passional e a psicopatologia. Para Aulagnier a relação passional estaria a serviço da criação ou da psicopatologia. Em sua discordância ao pensamento desta autora, traz como contraponto as importantes contribuições de Winnicott, que vincula a criatividade e a transicionalidade, como espaço de transformações relacionais.

A certa altura do texto, relaciona o movimento da paixão com a modelagem do potencial criativo do ser humano. Para tanto, recorre às idéias de Winnicott, principalmente aos seus conceitos sobre “o gesto espontâneo”, “a continuidade do ser”, “o falso-self” e “a transicionalidade”. Dedicou um grande espaço do livro às idéias fundamentais de Winnicott articulando-as com a escolha da paixão. Inicialmente explicita estas idéias para posteriormente relacioná-las com a paixão e, por fim, conclui com frases sintéticas e bastante esclarecedoras.

Ainda empenhada em argumentar sobre os aspectos positivos da paixão, recorda ao leitor as contribuições de McDougall e Christian David, autores que defendem a idéia da paixão como uma forma de expressão vital do desenvolvimento psíquico.

Reporta-se à caracterização dos tipos de relação objetal, dando ênfase ao período de desenvolvimento caracterizado pelo estado fusional com o outro, relação esta como uma possibilidade de existência, embora primitiva e insustentável em si mesma. Relaciona falhas na introjeção da figura materna, aspecto importante na história de vida de Camille, já que a mutualidade com a figura materna não se realizou suficientemente. Além disso, a autora desenvolve uma compreensão ampla e profunda de outra marca existente na paixão: a ambivalência.

Como se pode notar, a paixão, um amor problemático, é trabalhada de forma ampla e profunda, analisada sob vários ângulos. Para tanto, a autora relaciona paixão e criatividade, criatividade e pulsão de morte, pulsão de morte e experiência transformadora, pulsão de morte e paixão e, por fim, paixão e idealização.

O texto traz, com sensibilidade e beleza e, por vezes, com poesia, aspectos arcaicos do psiquismo, como a vivência da falta num período precoce do desenvolvimento tornando-a insuportável ao ego e ameaçando-o de um colapso.

Trata-se de uma leitura estimulante, reflexiva, que articula conceitos psicanalíticos complexos de maneira significativa. A autora provoca, com sua escrita expressiva, uma experiência emocional, mobilizando no leitor angústias de natureza profunda, próprias do existir humano.

Obra resenhada

ROCHA, Ana Maria Martins Lino (2001). Escolha da paixão: uma análise do romance entre Camille Claudel e August Rodin à luz da psicanálise. São Paulo: Vetor, 133 pp.